

Jael: Somente assassina, ou também estupradora?¹

ATHALYA BRENNER

Doutora pela Universidade de Manchester (Inglaterra), professora da Universidade de Amsterdam (Holanda) e das universidades de Tel Aviv e de Haifa (Israel)

Traduzido por Carmen Fasolo e revisado por Rafael Bán Jacobsen

RESUMO O presente artigo apresenta uma releitura da passagem bíblica na qual Jael, esposa de Heber, o cineu, assassina Sísara, o general cananita que, certa vez, ainda no tempo dos Juízes, ameaçava o povo de Israel (Juízes 4 – 5). A questão proposta nessa releitura é: teria Jael se utilizado da sedução para fazer Sísara baixar guarda e, assim, poder matá-lo? Essa possibilidade e os indícios a seu favor são apresentados e discutidos à luz dos costumes da população israelita na época, dos princípios básicos do judaísmo e da análise textual e intertextual, considerando-se, nesse último aspecto, passagens bíblicas tais como as histórias das filhas de Lot (Gênesis 19), de Tamar, a nora de Judá (Genesis 38) e de Rute.

PALAVRAS-CHAVE Jael; Sísara; estupro; Livro de Juízes; exegese bíblica.

ABSTRACT This article presents an interpretation of the biblical passage which tells the story of Jael, wife of Heber the Kenite, who murdered Sisera, the Canaanite general that once threatened the Israelites in the days of the Judges (Book of Judges 4 – 5). The question proposed in this interpretation is the following: did Jael employ the artifice of seduction to make Sisera go unarmed and, therefore, be able to kill him? This possibility and the evidence in its favor are presented and discussed in light of the customs of the Israeli population at the time, the basic principles of Judaism and textual and intertextual analysis, considering, in this last aspect, biblical passages such as the stories of Lot's daughters (Genesis 19), Tamar daughter-in-law of Judah (Genesis 38) and Ruth.

KEYWORDS Jael; Sisera; rape; Book of Judges; biblical exegesis.

A história de Jael

Imagine que você está sentado ao redor de uma fogueira comunitária, à noite, há muitos anos. Você é um aldeão. O trabalho do dia terminou, você já jantou, homens, mulheres e crianças estão gozando o tão merecido descanso antes de se recolherem. Está escuro, e, como todos os demais, você está cansado. Naturalmente, algum tipo de entretenimento viria bem.

No entanto, não há rádio, nem televisão, e a maioria das pessoas ao seu redor é analfabeta, portanto ler está fora de questão. Na circunstância em que você está, cultura, história, moralidade e conhecimento são, com frequência, transmitidos através do entretenimento, ou seja, de apresentações públicas. E contar histórias é a forma mais simples de apresentação, e todos adoram. Você está sentado, relaxado, esperando alguma diversão.

Então, um homem finalmente se levanta. Ele é o contador de histórias da localidade. E ele conta a história que escolheu, de memória.

– Era uma vez, nos tempos dos Juízes, antes de haver um rei em Israel, havia tensão entre nossos ancestrais, os antigos Israelitas e seus inimigos, o reino Cananita de Hazor. Débora, a profetisa de Yhwh, nosso Deus, convocou Barak, o general, para combatê-los; quando ele disse que o faria se ela se juntasse também a eles, ela aceitou, mas profetizou que o inimigo do general, conhecido por Sísara seria entregue por Yhwh pela mão de uma mulher. Então, no dia da batalha, Yhwh ativamente ajudou seu povo. Aparentemente, havia lama e água: o

inimigo usava carruagens de ferro e, provavelmente, afundou na lama. Então, Sísara, o general, teve que escapar a pé. Não é uma coisa bonita de ser feita por um general quando todos os seus estão sendo mortos ao seu redor.

– Não sabemos como “aconteceu” dele se dirigir à tenda de uma certa mulher chamada Jael, esposa de Heber, o cineu, do antigo clã dos artífices em metal ou talvez de outro clã, um clã de alguma forma amigo dos Israelitas. Não sabemos onde Heber se encontrava, ou se Jael reconheceu o homem que se aproximava, ou quais eram suas intenções quando ela saiu e lhe ofereceu hospitalidade, abrigo. No entanto, ela deve ter entendido que ele estava fugindo. Ele pediu água, e ela lhe deu leite para beber e lhe ofereceu uma cama e o cobriu. Ela se comportou como uma boa mãe. Foi quando ele adormeceu, pois estava muito cansado. Então ela pegou uma cavilha da barraca e um martelo e enfiou a cavilha em sua cabeça (alguns dizem que foi em sua têmpora, outros dizem que foi em seu queixo ou testa), e ele morreu. Não sei por quanto tempo ela ficou lá com o cadáver. E quando Barak veio, procurando por Sísara, ela saiu e disse-lhe: Aqui está o homem que você está procurando. E este foi o fim desta batalha. (Juízes 4).

O contador de histórias terminou. E você sentado junto com os outros ouvintes, em silêncio, refletindo sobre a história. Regozijamo-nos ante os atos de salvação de Deus e a coragem de seus seguidores e mensageiros, mesmo que sejam estrangeiros ou mulheres. Isso é algo que nem precisa ser dito. Mas a história é cheia de lacunas e furos. Quem é esta mulher, Jael? Os cineus, sua tribo ou clã, se você lembra corretamente, eram, nesta época, ainda aliados dos amalequitas, pelo menos até os tempos do Rei Saul (1 Samuel 15,6)?

Como era ela, que tipo de mulher ela era, jovem, velha, de meia idade? Feia, bonita? Matrona ou de outro tipo? Um membro respeitável de sua comunidade nômade ou uma estrangeira? Ela planejara ou não matar Sísara desde o começo? Ela sabia ou não quem era Sísara antes da chegada de Barak? A hospitalidade era um componente muito importante na vida daquele tempo, uma absoluta necessidade se você viajava: veja como Abrão recebeu os três “homens” que vieram até ele quando ele soube do nascimento de Isaac (Gênesis 18), ou como Lot recebeu os dois “homens” que vieram até ele antes que Sodoma e Gomorra fossem arrasadas (Gênesis 19), ou como o ancião em Gibeá protegeu seus visitantes do sexo masculino (Juízes 19). Se Jael sabia que ia matar Sísara, ela experimentou algum conflito interno, ela se abalou ou não? Ela estava assustada ou confiante? O que devemos pensar sobre sua moralidade, seus motivos, o conflito entre hospitalidade, por um lado, e engano e assassinato de um homem adormecido, por outro lado? E o próprio assassinato, tão brutal, tão físico, tão violento: não teria ela agido antes como um homem invadindo o corpo de uma mulher, ao utilizar uma cavilha de ferro, do que como mulher? Você pode imaginar isso e ainda o fato dela ter ficado com o corpo por... por quanto tempo depois? E Sísara, um soldado indubitavelmente experiente, mesmo exausto, como pôde ser tão descuidado, por que ele confiou nela, por que ele adormeceu? E ele não acordou para resistir – como é que ela pôde fazer isso, uma mulher sozinha contra um soldado experiente?

Enquanto todos estão em silêncio, provavelmente se fazendo as mesmas perguntas e outras mais, perguntas sobre os hiatos na história e sobre ética social, mais alguém se levanta e, lentamente, começa a falar. Dessa vez, o orador é uma mulher.

– Bem, há outra versão para essa história (Juízes 5). Diferente da história que recém escutamos, essa versão é uma canção, cantada por Débora, ou talvez por Débora junto com Barak após a vitória. É uma canção de vitória, semelhante àquelas que, às vezes, encontramos nas escrituras e que são cantadas por mulheres como nossa profetisa, Miriam (Êxodo 15,20-21), pelas mulheres que saem para receber os soldados que retornam, como Saul e Davi, com cânticos, música e dança (1 Samuel 18,6; 21,12; 29,5), e também por homens, tais como Moisés depois de cruzar o Mar Vermelho (Êxodo 15,1). Na versão da canção vitoriosa, alguns dos detalhes a respeito da batalha são diferentes, talvez complementares à história que recém escutamos. Mais uma vez, parece que a vitória é mais divina do que humana. Após uma descrição geral do perigo para nossos antecessores naquele tempo, algumas tribos do norte são mencionadas como participantes na guerra (Juízes 5,1-18). A ajuda que Yhwh deu ao Seu povo, com a lama, a água e o lodo criados por Ele para que a carruagem do temeroso inimigo afundasse e se tornasse inútil, é celebrada em maior detalhe (versículos 19-22). E a parte que tem a ver com Jael é um pouco diferente. Deixe-me cantá-la para você:

Seja Jael a mais abençoada das mulheres,
a esposa de Heber, o cineu,
a mais abençoada das mulheres das tendas.
Ele pediu água, e ela lhe deu leite,
ela lhe trouxe coalhada em vasilha grandiosa.
Ela alcançou a cavilha da tenda,
e sua mão direita pegou o malho dos artífices.
E atingiu Sísara,
esmagou sua cabeça,
despedaçou,
e furou sua testa.

Entre as pernas dela, ele se curvou, caiu, deitou;
entre as pernas dela, ele se curvou, caiu.

Onde ele se curvou, ele caiu, aniquilado.² (Juízes 5,24-27)

– Como você pode escutar, nesta versão Jael é a mesma mulher, a esposa de Heber, o cineu, mas sua ação é extravagantemente abençoada desde a primeira menção do seu nome. Ela é “abençoada”, mais do que qualquer outra mulher nômade. E, se ela pareceu ser uma matrona que amamenta na outra história, aqui seu comportamento está longe de ser maternal. O que você pensa sobre a descrição repetida e explícita de seu ataque, ferindo, furando Sísara, até que ela perfura sua cabeça e o mata? E então, o que você pensa do fato de que ele está “entre as pernas dela”, caindo e se deitando, mais e mais, até que ele esteja finalmente aniquilado? Bem. A linguagem é polida, e nada é dito explicitamente; mas nossos ancestrais não eram ingênuos. Eles entenderam por que Sísara se arriscou. Ele era um soldado cansado, o que fica claro. Porém, seus instintos de soldado somente poderiam tê-lo abandonado se houvesse algum outro fator. E aqui está: Jael colocou-o em uma cama, sua cama; e a canção acrescenta à história o detalhe mais importante que faltava – ela pôde enganá-lo e fazê-lo acreditar nela e assim pôde matá-lo, somente porque teve relações sexuais com ele. E, na verdade, se você não acredita em mim, observe o restante da canção. Na cena seguinte, a verdadeira mãe de Sísara está olhando através de sua janela e se lamentando: Por que meu filho está demorando tanto para voltar da guerra? E suas damas de companhia lhe respondem (versículos 28-29), confiantemente, sobre Sísara e seus soldados:

Não estarão eles encontrando e dividindo os espólios?

Uma ou duas moças para cada homem? (versículo 30a)

Essa é uma canção feminina de vitória, você lembra? E as mulheres sabem, por triste experiência, que os soldados vitoriosos permanecem para celebrar sua vitória, violentando as mulheres do inimigo. É, portanto, adequado que Jael, ironicamente, faça a Sísara exatamente o que ele teria feito com suas irmãs caso tivesse vencido a guerra: ela faz sexo com ele, o que permite que ela o “violente” com a fálca cavilha da barraca, ao penetrá-lo e matá-lo. Assim, a vingança de Jael é dupla: pelos israelitas, por nós, e pelas mulheres. E é por isso que a canção termina com:

Que morram todos os teus inimigos, ó Deus!

Mas que teus aliados possam ser como o sol que se levanta em sua majestade.

(versículo 31a-b)

E, com essas palavras triunfais, a cantora senta-se. E você pensa que Jael é sua heroína. Ela não é crítica a respeito do que Jael fez. Ela a celebra sem reflexão, sem referência à ética da hospitalidade e ao “Não matarás”, sem qualquer hesitação sobre usar a sexualidade para enganação e logro, mesmo que a pessoa seja casada (como Jael o era), sem qualquer escrúpulo, desde que Jael esteja do nosso lado. Desde que Jael tenha feito isso “por nós”. Desde que ela tenha vencido a guerra para nós: o fim justifica os meios. O que Jael fez foi um trabalho sagrado.

E você se levanta e vai dormir, assim como as pessoas ao seu redor, refletindo sobre a história e a canção. E você deixa o fogo, que continua a queimar por toda a noite.

Discussão

Essa metafórica fogueira comunitária ainda queima: é a fogueira cultural da nossa herança bíblica. É uma fogueira santificada, e as histórias ao redor dela são apreciadas como entretenimento e, com frequência, tidas como paradigmas de virtude. Mesmo assim, as questões que surgem, implicitamente, da história e da canção paralelas de Juízes 4-5 não devem ser ignoradas. Juízes 4, basicamente, faz surgir a questão: é justificável matar/assassinar um inimigo de seus amigos enquanto você o convida para sua casa e finge hospitalidade ou mesmo preocupação maternal? Juízes 5 acrescenta outra questão: Jael usou a estratégia do sexo além do engodo da pretensa hospitalidade para que pudesse matar Sísara mais convenientemente? Finalmente e de uma forma geral, e em relação às duas versões, como um leitor dos dias atuais, de qualquer sexo, sente-se a respeito de uma mulher que mata, e, mais ainda, uma mulher que mata um homem de uma forma tão violenta – e é abençoada e celebrada por isto? Essas questões estão entrelaçadas, uma vez que a versão da “canção” (Juízes 5) acrescenta o elemento da sedução ao dilema do assassinato.

Deixe-me tentar algumas respostas preliminares. Para muitos leitores atuais, a diferença legal entre “matar” e “assassinar” se sustenta na presumida “intenção”: matar por premeditação é “assassinar”. Mas mesmo o termo bíblico usado no Sétimo Mandamento (Êxodo 20,13; Deuteronômio 5,17; e outros trechos) não é fácil de traduzir sempre como “assassinar” em um sentido moderno. Uma vez que não está claro, no texto de Juízes 4 (ou 5), se Jael tinha, desde o início, a intenção de matar Sísara, isso é difícil de determinar. No entanto, matar um convidado, um fugitivo, mesmo alguém que se saiba inimigo de seus amigos, é contrário às normas individuais e coletivas de com-

portamento: não é assim que fugitivos devem ser tratados. Em vez disso, você pode se recusar a oferecer refúgio. Mesmo em termos bíblicos, um lugar de refúgio – como as “cidades de refúgio”, permitidas até mesmo aos assassinos (Números 35, Josué 21), ou um altar (1 Reis 2) – não pode ser violado. Assim, as ações de Jael são questionáveis, pelo menos no que se refere ao quesito de concessão de asilo, prática que deveria ser honrada em uma sociedade civilizada, mesmo em tempos de guerra, especialmente quando não está claro de que maneira essa guerra era uma guerra de Jael (afinal, ela era uma estrangeira).

Se Jael usou um truque sexual, então ela está em boa companhia. Outras heroínas da Bíblia agem similarmente, como sedutoras que pretendem atrair seus adversários homens ao apelar para sua própria ambição. Assim age a mulher sem nome que mata Abimeleque em Tebez, ao atirar nele uma pedra e revertendo assim o papel usual masculino/feminino ao subjugar-lo (Juízes 9,53-54). Assim age Ester ao arrumar-se e usar todos os seus charmes para agradar Assuero para que Haman caia e seja executado. Assim faz Judite, que, de fato, corta a cabeça de Holofernes. Desde os tempos dos Sábios Judeus, a maioria dos leitores têm visto tais ações femininas não conformistas como positivas, porque elas promovem o bem estar de Judeus/Israelitas e os salva de seus inimigos, semelhante à não conformista liminaridade sexual de figuras como as filhas de Lot (Gênesis 19), Tamar, a nora de Judá (Gênesis 38), e Rute, que salvaram seu povo (adotado) ao ultrapassar normas sexuais com um grande risco para si próprias. Essas figuras bíblicas têm, em geral, sido louvadas por gerações de leitores, incluindo feministas e leitoras mulheres, como modelos de papéis para uma feminilidade ativa e patriótica, apesar de sua aparente transgressão de três importantes preceitos: não matará/assassina-

rás; não fornicarás/comprometerás tua sexualidade feminina; e deverás ser gentil, como devem ser as mulheres em contraste com os homens.

Por outro lado, e mesmo tendo em vista todos esses problemas, vamos levar em consideração mais uma coisa. Há um princípio judaico básico chamado *pikua'ach nefesh*, a manutenção de uma vida, pois a vida é considerada um presente santificado. Esse princípio diz que salvar uma vida se sobrepõe mesmo à observância do Shabat ou de Yom Kipur, ou de comer comida *kasher*, ou mesmo salvar outra pessoa no caso de perigo para ela mesma (veja, por exemplo, no *Talmud Babli*, os tratados *Yoma* 84a e *Sanhedrin* 74a-b). Supostamente, esse princípio já estava instituído na época da Revolta dos Macabeus (em 164 AEC) e foi de grande importância para a vitória dos Macabeus e a reinstalação do Templo de Jerusalém, comemorada em Chanuká. Se *pikua'ach nefesh* cancela a observância do Shabat, do Yom Kipur ou do preceito “e você deve amar seu próximo como a si mesmo” (Levítico 19,18) para favorecer a salvação do coletivo, isso também permitiria a idealização de mulheres como Jael, que transgridem os limites éticos e morais para salvar o coletivo – indo além do simples e explícito prazer da vingança sobre os inimigos e da reversão da sorte.

Assim, ao final das contas, nós, como leitores contemporâneos, podemos ficar com o problema: nas palavras de Bronner, devemos valorizar Jael ou considerá-la vilã? (BRONNER, 1993). Ou em outras palavras: de que lado eu e você estamos?

Epílogo

As duas figuras que acompanham este breve artigo estão muito distantes uma da outra.

A Figura 1 reproduz uma pintura de Artemisia Gentileschi, uma pintora do século XVII, natural



Figura 1: Artemisia Gentilechi (*Jael e Sisara*, óleo sobre tela, 0.923 m x 1.275 m, 1620, Museu de Belas Artes de Budapeste)

de Roma. Aqui, Jael parece sensual? Seria ela uma sedutora? Você, como observador, pode tomar sua própria decisão sobre a lacuna em relação ao texto bíblico e aos conteúdos emocionais dessa pintura. O ensaio de Bohn (2005) também pode se útil. De qualquer forma, por favor, note que, de acordo com alguns estudiosos, essa pintura recria ou conta dois assassinatos: o de Sisara e o de Caravaggio, cuja face lembra muito o rosto de Sisara, e que

morreu em 1610. Caravaggio influenciou muito o estilo de Artemisia.

A Figura 2 é de um pintor e escultor judeu do século XX, Jacob Epstein. O seu Sisara está indubitavelmente assustado, ameaçador, talvez mesmo no controle do momento imaginariamente capturado. Mais uma vez, você observador pode inferir as implicações quanto à moralidade de Jael ou quanto à sua ausência.



Figura 2: Jacob Epstein (*Jael e Sísara*, lápis e aquarela sobre papel, 46 cm x 59 cm, 1931)

NOTAS

1 O texto foi publicado anteriormente em holandês (BRENNER, Athalya. 'Jaël: Geweldig of gewelddadig?' in *Schrift*, 12/2006, p.186-190). Sua tradução a partir da versão em inglês e publicação na revista *WebMosaica* foram autorizadas pela autora e pela editora de *Schrift*.

2 Todos os excertos bíblicos aqui presentes foram traduzidos diretamente do original em hebraico por Rafael Bán Jacobsen, seguindo orientações da autora do artigo.

REFERÊNCIAS

BAL, Mieke. *Murder and Difference. Gender, Genre and Scholarship on Sisera's Death*. Bloomington: Indiana University Press, 1992.

BOHN, Babette. 'Death, Dispassion, and the Female Hero: Artemisia Gentileschi's *Jael and Sisera*' in BAL, Mieke (ed.). *The Artemisia Files: Artemisia Gentileschi for Feminists and Other Thinking People*. Chicago: University of Chicago Press, 2005.

BRENNER, Athalya. 'A Triangle and a Rhombus in Narrative Structure' in BRENNER, Athalya (ed.). *A Feminist Companion to Judges*. Londres: Sheffield Academic Press, 1993.

BRONNER, Leila Leah. 'Valorized or Vilified? The Women of Judges in Midrashic Sources' in BRENNER, Athalya (ed.). *A Feminist Companion to Judges*. Londres: Sheffield Academic Press, 1993.

Recebido em 29/09/10
Aceito em 21/01/11
Revisto e aceito em 29/06/12